



CONSTRUÇÃO DO AMOR

CHICO XAVIER
EMMANUEL

ÍNDICE

Prefácio	03
A Oferenda Cristã	05
A Semente de Mostarda	06
A Serpente Invisível	07
Amar a nós mesmo	08
Ante a Justiça	09
Ante a Lição do Senhor	10
Ante Allan Kardec	11
Ante o Evangelho	12
Ante o Segundo Século	13
Apelo	14
Autoridade em nós mesmo	15
Banquete Interior	16
Cada ave em seu ninho	17
Caridade da palavra	18
Caridade e Merecimento	19
Cegos	20
Comunguemos com Cristo	21
Confessar o Cristo	22
Diante da Lei	23
Diante do Dever	24

PREFÁCIO

Amigo Leitor,

Pergunta-se nos como se constrói o amor, qual se deseja; uma integração das criaturas com outras criaturas, de modo a que se amem desde as nascentes do afeto até o oceano da sublimação, no qual se ajustam umas às outras no Amor Infinito de Deus.

Imaginemos o amor como sendo a construção de um palácio, construído necessariamente por variadas peças. Semelhantes peças seriam nomeados por diversas designações, como sendo:

Animalidade.

Brutalidade.

Egoísmo.

Ciúmes.

Tirania.

Possessão.

Poligamia.

Desgaste.

União.

Desunião.

Família.

Esperança.

Desgostos.

Rixas.

Alegrias.

Tristezas.

Lealdade.

Infidelidade.

Conciliações.

Reconciliações.

Simpatias.

Antipatias.

Solidão.

Felicidade.

Crueldade.

Desventuras.

Ansiedades.

Trabalho.

Cuidados.

Entendimento.

Incompreensão.

Abandono.

Proteção.

Harmonia.

Desajustes.

Confiança.

Tolerância.
Perdão.
Renúncia.
Sublimação.

*

São esses alguns dos elementos indispensáveis à aquisição das experiências que são selecionadas pelo próprio espírito, através de numerosas reencarnações na Terra ou em outros mundos. A extinção de cada item negativo e a criação de cada qualidade edificante exigem por vezes séculos e séculos.

*

Este livro sem a pretensão de ensinar, é apenas um esforço modesto de companheiro e servidor para que nos decidamos a cultivar as características nobres do amor, resgatando nossos débitos prováveis, no curso das existências inúmeras, até chegarmos à sublimação que nos fará partícipes do Amor Ilimitado de Deus.

Emmanuel
Uberaba, 11 de Junho de 1988

A OFERENDA CRISTÃ

Antigamente, a fé exibia nos templos as vísceras fumegantes dos animais mortos, quando não imolava o sangue humano para aliciar a simpatia dos gênios inferiores categorizados à conta de anjos e deuses, nos santuários primitivistas.

Espetáculos deprimentes desdobravam-se diante do altar, gerando o temor e a superstição que orientavam a magia vulgar.

Evoluída a fé, o incenso e a mirra, as essências e os perfumes substituíram as ofertas sanguinolentas, modificando o culto exterior e amenizando os costumes.

Com Jesus, entretanto, as oferendas da fé são justas e expressivas.

O discípulo do Evangelho é convidado a imolar a si mesmo, nas áreas da renúncia pelo bem dos semelhantes, afim de que a Terra se faça o templo do Amor Divino.

Com Cristo, não mais oblatas de sangue e lágrimas, nem dádivas de prata e ouro...

Não mais o ceticismo da ignorância, nem a exaltação de interesses mesquinhos, mas, sim o próprio coração do aprendiz erguido ao trabalho da felicidade comum, em bases no próprio aperfeiçoamento.

Se pretendes trazer ao Mestre o feito de teu caminho, recorda que o Cristo não deseja adoradores de sua figura excelsa, mas, artífices e servidores da Boa Nova que saibam calar auxiliando, amar com desprendimento e servir sem repouso, porque somente nesse culto íntimo de afetuoso devotamento, é que conseguiremos, em verdade, comungar-lhe, hoje e sempre, a edificação do Reino de Amor e Luz.

A SEMENTE DE MOSTARDA

“Se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda” ... – assim falou o Senhor.

Importante indagar porque não teria o Mestre recorrido a outros símbolos.

Jesus poderia ter destacado a grandeza da fé, buscando quadros mais sugestivos.

A beleza do Hermon...

A poesia do lago de Genesaré...

O esplendor do firmamento galileu...

A riqueza do Templo de Jerusalém...

Todos esses primores da paisagem que o circulava ofereciam temas vivos para a exaltação da sublime virtude.

Entretanto, o Benfeitor Celeste toma a semente minúscula da mostarda, como a dizer-nos que sem o reconhecimento de nossa própria pequenez à frente do Eterno Amor e da Eterna Sabedoria não conseguiremos amealhar o tesouro do entendimento e da confiança que a fé consubstancia em si mesma.

A semente microscópica desaparece, em verdade, no seio da Terra, qual se fora inútil ou desprezível, todavia, não se abandona à inércia, por sentir-se relegada ao abandono aparente.

Confia-se às leis que nos regem e, na dinâmica da obediência construtiva, desvencilha-se dos envoltórios inferiores que a encarceram, germina, vitoriosa, e cresce para produzir, não para si mesma, mas, para benefício dos outros, num eloquente espetáculo de bondade espontânea, ante a majestade da natureza..

Possa o nosso coração, no solo das experiências humanas, copiar-lhe o impulso de simplicidade e serviço e a nossa existência será testemunho inofismável da magnificência divina cuja sublimidade passaremos então a refletir.

Cessemos nossas indagações descabidas e busquemos na Criação o justo lugar que nos compete.

Nem com o brilho do diamante, nem com a cintilação do outro... nem com a sedução da prata, nem com a aristocracia do mármore, em que tantas vezes procurado simplesmente a ilusão do poder que a morte arrebata e modifica, mas, sim com a humildade viva do grão de mostarda que, arrojado à solidão da Terra, sabe vencer, desabrochar, florir e cooperar na extensão do brilho de Deus.

A SERPENTE INVISÍVEL

No campo do serviço cristão, mesmo nos arraiais do Espiritismo Evangélico, tudo é alegria e esperança enquanto há céu azul.

Diante do sol reconfortante e amigo, é doce a expectativa, em torno do futuro, e sob o pálio estrelado da noite tranquila é mais belo sonhar com a vida noutros mundos.

Então, os aprendizes são firmes na confiança e seguros nas promessas.

A natureza se faz o trono de Deus, a expressar-se em prodígios de sabedoria e as criaturas são almas irmãs em demonstrações recíprocas de entendimento e de amor.

Entretanto, quando as nuvens se adensam no horizonte e a tormenta desaba, eis que as disposições do crente se modificam.

A preguiça – serpe invisível a se nos ocultar renitente, nas próprias almas exterioriza-se de imediato, através de máscaras diversas.

Ante o fascínio da desculpa incondicional às ofensas alheias, paralisa-se-nos coração, a sugerir em forma de dignidade ferida:

Impossível esquecer.

À frente do trabalho árduo no socorro às necessidades humanas, nosso próprio espírito enverga a túnica de pretensa humildade confundido:

Quem sou eu para auxiliar?! ... Sou um poço de vermes, um vaso de imperfeições!

Perante os difíceis testemunhos de paciência, costumamos exibir suposta superioridade moral e afirmarmos peremptórios:

Não alcancei a santidade! Agora não posso mais...

Renteando com a luta aflitiva, em favor dos companheiros infelizes, junto aos quais a vida nos pede recapitulação de atitudes e ensinamentos, adotamos imaginária fadiga e gritamos sem razão:

Fiz o que pude! Que outros agora venham à liça para a cooperação fraternal.

Diante da prestação de serviço urgente ao próximo, habituamo-nos freqüentemente a esposar preocupações falsas no tempo e alegamos petulantes:

Amanhã! Amanhã cuidaremos disso.

Se te interessas realmente pelo própria renovação, à luz do Evangelho, anota o momento que voa e não menosprezes o ensejo sublime de ser mais útil.

Recorda que a ociosidade mental é antiga serpente sedutora, asfixiando-nos a vida e somente em lhe olvidando o veneno suave e mortífero, trabalhando e servindo sempre, é que conseguiremos assimilar o ideal da perfeição com Jesus, nosso Mestre e Senhor.

AMAR A NÓS MESMOS

Amar a nós mesmos não é consagrarmos a vida à exaltação absoluta do corpo de carne que o homem serve de veículo provisório na luta redentora da Terra.

Certo, tanto quanto devemos atenção e assistência a qualquer máquina útil, não podemos relaxar no cuidado que nos merece a vestimenta física, entretanto, não nos cabe centralizar todos os objetivos da existência naquilo que, no fundo, seria a preservação da animalidade.

Amarmo-nos, então, será atendermos ao justo imperativo de nossa habilitação espiritual para a vida eterna.

Nesse sentido, é indispensável aproveitarmos o concurso valioso e eficiente da dor e da luta, do trabalho e do sacrifício, na aquisição de nossas melhores experiências para os círculos mais altos.

A pedra que fugisse ao buril e o vaso que se desviasse do clima asfixiante do forno jamais seriam arrancados do primitivismo agreste aos espetáculos da beleza e da utilidade.

Claro, portanto, que se realmente amamos a nós mesmos, não podemos perder a nossa oportunidade de elevação, através das provas e dos sofrimentos que o estágio curto na Terra nos oferece.

Renúncia é sublimação.

Obstáculo é auxílio.

Trabalho é posse de competência.

Disciplina é sementeira de altos valores espontâneos.

Obediência ao bem é construção do progresso comum.

Escravidão aos deveres da reta consciência é acesso à Vida Superior.

Silêncio é porta para a humildade.

Serviço de hoje aos semelhantes é influência divina amanhã.

Dificuldades bem superadas são bênçãos.

Se buscarmos, desse modo, amar a nós mesmos, saibamos desprezar o contentamento efêmero de algumas horas na carne escura e frágil, valorizando o nosso ensejo de aprender e crescer, com os entraves e sombras, com as dores e aflições do caminho terrestre, porque, purificando a nós mesmos, no sacrifício pelo bem dos outros, mais cedo alcançaremos a áurea da imperecível felicidade.

ANTE A JUSTIÇA

Muitas vezes, enquanto na Terra, sentimo-nos vitimados pelo destino e clamamos pela justiça do Céu.

Se a aflição, porém, te constringe a garganta qual golilha de brasas, contempla, em torno, aqueles que conhecendo a Lei, abusam das faculdades e talentos que a vida lhes emprestou e estendem, ao redor do caminho, o pranto da desolação e o hálito da morte.

Observa os que acumulam dinheiro criando os tormentos da fome, os que se valem do poder temporário implantando a revolta e a penúria, os que aproveitam a inteligência para ferir e os que mobilizam a mocidade, instilando no próximo o desencanto e a loucura...

Repara como sorriem agora qual se o mundo lhes pertencesse, entretanto, amanhã, fanar-se-lhes-á repentinamente do domínio para encontrarem, de frente, a necessidade do reajuste nos institutos da Contabilidade Celeste.

Identifica-os hoje, quais se mostram, e lembra-te de que talvez foste também assim no pretérito – no pretérito que a Misericórdia de Deus te permite transitoriamente esquecer...

Recorda que também acionaste ouro e autoridade, raciocínio e beleza para flagelar e humilhar, chagar ou denegrir e aceita no presente o cálice de amargura, por remédio feliz, capaz de lavar-te o ser, para a alegria da luz.

Não rogues justiça nos dias de tua dor e sim aumento de compaixão nos tribunais da Divina Sabedoria, restaurando a ti mesmo, para seguir à frente, valoroso e sereno, na própria redenção ante a Bênção da Lei.

ANTE A LIÇÃO DO SENHOR

Louvando os “pobres de espírito”, Jesus não exaltava a ignorância, a insuficiência, a boçalidade e a incultura.

Encarecia a benção da simplicidade, que nos permite encontrar os mais preciosos tesouros da vida.

Abençoava a humildade, que nos conduz à fonte da paz.

Salientava a sobriedade que nos garante o equilíbrio.

Destacava a paciência que nos dilata a oportunidade de aprender e servir.

Se procuras o Mestre do Evangelho, não admitas que a tua fé se transforme em combustível ao fogo da ambição menos eficiente.

Vale-te da lição de Jesus, à maneira do lavrador vigilante que sabe selecionar as melhores sementes a fim de enriquecer a colheita próxima ou à maneira do viajor que guarda consigo a lâmpada acesa para a vitória sobre as trevas.

Muita gente se alinha nos santuários da Boa Nova, procurando em Cristo um escravo suscetível de ser engajado a serviço de seus escusos desejos, buscando na proteção do céu, favorável clima à infeliz materialização de seus próprios caprichos, enquanto milhões de aprendizes da Divina Revelação se aglomeram nos templos do Mestre em torneios verbalísticos nos quais entronizam a vaidade que lhes é própria, tentando posições de evidência nos conflitos e tricas da palavra, em que apenas efetuam a mal versão das riquezas do espírito.

Se a Doutrina Redentora do Bem Eterno é o caminho que te reclama a sublime aquisição da Vida Superior, simplifica a própria existência.

Evitemos complicações e exigências que nada realizam em torno de nós senão amargura, desencanto e utilidade.

Recebamos o dom das horas, como quem sabe que o tempo é o mais valioso empréstimo do Senhor à nossa estrada e, convertendo os minutos em ação construtiva e salutar, faremos a descoberta de nosso próprio mundo íntimo, em cuja maravilhosa extensão, a paz e o trabalho são os favores mais altos da vida.

Contentemo-nos em estruturar com bondade e beleza o instante que passa, cedendo-lhe o melhor de nós mesmos, a favor dos que nos cercam, e descerraremos o novo horizonte, em que a plenitude da simplicidade com Jesus nos fará contemplar, infinitamente, a eterna e divina alegria.

ANTE ALLAN KARDEC

Perante as rajadas do materialismo a encapelarem o oceano da experiência terrestre, a Obra Kardequiana assemelha-se, incontestavelmente, à embarcação providencial que singra as águas revoltas com segurança.

Por fora, grandes instituições que pareciam venerandos navios estalam nos alicerces, enquanto esperanças humanas de todos os climas, lembrando barcos de todas as procedências, se entrechocam na fúria dos elementos, multiplicando as aflições e os gritos dos naufragos que bracejam nas trevas.

De que serviria, no entanto, a construção imponente se estivesse reduzida à condição de recinto dourado para exclusivo entretenimento de alguns viajantes, em tertúlias preciosas, indiferentes ao apelo dos que esmorecem no caos?

Prevenindo contra semelhante impropriedade, os sábios instrutores que escreveram a introdução de “O Livro dos Espíritos”, disseram claramente a Allan Kardec: “Mas, todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se confundirão num só sentimento: o do amor do bem e se unirão por um laço fraterno que prenderá o mundo inteiro”.

Indubitavelmente, a obra espírita é a embarcação acolhedora, consagrada ao amor do bem.

Urge, desse modo, que os seus tripulantes felizes não se percam nos conflitos palavrosos ou nas divagações estéreis.

Trabalhemos, ascendendo fachos de raciocínio para os que se debatem nas sombras.

Todos concordamos em que Allan Kardec é o apóstolo da renovação humana, cabendo-nos o dever de dar-lhe expressão funcional aos ensinos com a obrigação de repartir-lhe a mensagem de luz, entre os companheiros de Humanidade.

Assim sendo, traçamos estes despretensiosos comentários.

ANTE O EVANGELHO

Realmente, por séculos sucessivos, temos realizado a transliteração do Evangelho em todos os climas culturais.

Na senda de todos os povos, as Boas Novas de Salvação surgem por florilégio religioso, revelando sentenças inimitáveis pelo seu conteúdo de beleza e sabedoria.

Indubitavelmente, não possuímos na Terra outra forma de plantação primária do conhecimento, que não essa, através da letra que constitui a base da instrução clareando o pensamento.

Contudo não basta nos detenhamos na fraseologia brilhante, no gesto sutil ou nas aparências elogiáveis para demonstrar assimilação do ensinamento transformador.

Cristianismo não é somente a forma da civilização que nos propomos construir com Jesus.

É, acima de tudo, essência dela mesma, com que devemos plasmar o mundo novo em que as relações humanas representem o alicerce do Reino de Deus.

Urge, pois, configurar a revelação não apenas no tesouro verbalístico que nos lastreia as conquistas filosóficas e artísticas de quase dois milênios.

É indispensável que o apelo do Grande Renovador encontre resposta na consciência e no coração, em nossas idéias e em nossos sentimentos, a fim de que a fé se exprima em trabalho incessante na extensão do bem.

Até hoje, a maioria das escolas cristãs tem adorado santos e apóstolos nos altares de pedra, mas, como nunca, necessitamos presentemente dos heróis do cristianismo nos tribunais e nas escolas, nos templos e nos hospitais, nos lares e nas oficinas, nos escritórios e nos campos, nos divertimentos e nas ruas.

Almas valorosas e decididas que disponham a romper com os impedimentos do próprio egoísmo e da própria vaidade, entusiasmadas com a visão do porvir e libertas do pessimismo que negreja, na volúpia da destruição por onde passa...

Considerando, qual aconteceu à mulher sofredora na praça pública, somos passíveis de condenação pela ociosidade com que vimos congelando as nossas melhores oportunidades de serviço.

Todos nos encontramos à face do julgamento, pelo delito de lesa consciência, de vez que temos adulterado a mensagem do Divino Benfeitor de mil modos, em cada romagem no mundo.

Jesus, porém, tolera-nos compassivo e reforma-nos o empréstimo de tempo e de valores novos...

Mas, se é verdade que nenhum de nós está em condições de atirar a primeira pedra no irmão de caminho, cabe-nos a todos ouvir o Mestre Inesquecível em sua amorosa e segura advertência: - “Vai e não peques mais”.

Renovemo-nos oferecendo ao mundo e à vida o que possuamos de melhor, porquanto se a ignorância era a nossa furna de sombra até ontem, pelo conhecimento de agora, podemos avanças para futuro, em companhia de Jesus, desde hoje.

ANTE O SEGUNDO SÉCULO

O primeiro século do Cristianismo conheceu suplícios inolvidáveis quais foram:

- a crueldade de Tibério...
- a demência de Calígula...
- a insânia de Nero...
- a perseguição indiscriminada...
- a matança nos circos...
- a ferocidade de algozes enrijecidos e insensatos...
- a condenação sem processo...
- a escravidão absoluta...
- a humilhação sistemática...
- a injúria e o martírio...

Ainda assim, milhões de criaturas encontraram o justo caminho da consagração pessoal ao Senhor, suportando heroicamente a flagelação e o insulto, o menosprezo e a morte, para formarem, com o próprio exemplo, as bases do mundo em que a evolução do direito e da ordem, do progresso e da solidariedade preside a civilização do Ocidente, que, apesar do estigma da devassidão e da devassidão e da guerra, ainda é a esperança para a vitória da luz.

O primeiro século do Espiritismo que restaura os valores da Boa Nova é bafejado por excelsas conquistas quais sejam:

- os louros da independência religiosa...
- a justiça das nações mais cultas do globo...
- o aprimoramento industrial...
- a crescente extensão da fraternidade...
- o banimento do cativeiro...
- o respeito às liberdades públicas e privadas...
- a inviolabilidade do lar...
- a dignificação do trabalho...
- o avanço luminoso da inteligência, que tateia a estratosfera e desce às profundezas do mundo atômico...

É por esse motivo que nós, os espíritas de agora, cristão igualmente redivivos, com mais amplos fatores de segurança, somos convocados à redenção da Terra, competindo-nos, porém, para isso, não mais o ânimo firme no contato com feras e cruzes, escárnio e fogueira, mas, sim a coragem varonil de vencermos a trevas cristalizada conosco, em forma de indiferença e ociosidade, orgulho e rebeldia, instalando, através do serviço e da educação, o entendimento e o amor em nós mesmos, a fim de que o reinado do Cristo fulgue entre nós para sempre.

APELO

Meus amigos.

Não basta recolher os frutos do caminho. É necessário fazer luz dentro dele para que não nos percamos nas trevas.

Amealhar os benefícios imediatos do Espiritismo, procurando-lhe as gratificações consoladoras será compreensível para nós todos, mormente na hora escura que a Terra vai atravessando no inquietante período de transição da atualidade.

Entretanto, não basta fartar-se a alma de reconforto superficial, de vez que o alívio nem sempre significa solução.

Saibamos aproveitar as graças e os favores da Doutrina de Amor que nos enriquece de conhecimento e esperança, plasmando no espírito a renovação que nos é indispensável.

Para isso, descurar o Evangelho será esquecer a escola e menosprezar a lição.

Consagremos alguns minutos, cada dia, à procura de orientação com o Instrutor da Imortalidade.

Evangelho no coração para que aprendamos a sentir.

Evangelho no pensamento para que não nos falhe o equilíbrio.

Evangelho na palavra para que não nos prendamos à perturbação.

Evangelho nos braços para que a preguiça não nos faça cair em seus despenhadeiros de sofrimento.

Para isso, é necessário ler os ensinamentos do Senhor e meditar-lhes a essência, imprimindo rumo certo ao barco de nossa vida.

Sem a bússola, a embarcação vagueia sem rumo.

Sem Jesus, comandando o nosso interior, erraremos na Terra, no corpo ou fora dele, ao sabor das circunstâncias e das influências alheias à nossa vontade, à maneira de folhas ressequidas ao vento.

Honremos a luz celeste que nos trouxe a bênção do Espiritismo e, cultivando o Evangelho na consciência, na família, no lar e na luta coletiva, converteremos o coração em santuário vivo em que brilhará para sempre a Vontade do Nosso Divino Mestre e Senhor.

AUTORIDADE EM NÓS MESMOS

Apreciando o problema daqueles que guardam no mundo as diretivas da experiências, não te fixes nos companheiros que trazem consigo a cruz do ouro e do poder.

Recordemos a esquecida autoridade que o conhecimento superior determina seja exercida por nós em nós mesmos.

Quase sempre ensinamos a arte do pensamento nobre, receitando exercícios e regras aos amigos que nos perlustram a senda, guardando o próprio cérebro à feição de barco desgovernado, em cujas brechas ocultas penetram as sugestões da ignorância e da sombra.

Indicamos aos outros recursos providenciais para que se mantenham indenes de todo mal, através da pureza dos olhos e dos ouvidos empenhando as próprias percepções à triste aventura da leviandade e do desacerto que acaba sempre na crítica indébita ou na azedía destruidora.

Estruturamos planos para a boa palavra naqueles que nos cercam, sem refrearmos o próprio verbo no galopes insensato da crueldade, indicamos fé e esperança para o ânimo alheio, a perder-nos no charco da negação e do derrotismo, exaltamos para ouvintes confiantes a excelência das horas, no capítulo do trabalho e da realização, mergulhando as mãos no visco da inércia e pregamos a excelsitude da caridade para os amigos que nos rodeiam, a desfazer-nos em egoísmo e exigência.

Autoridade!... Autoridade!...

Dela abusaram todos os tiranos que fizeram da própria soberbia escuro resvaladouro para as trevas da criminalidade e da morte e dela, ainda hoje, nos valemos todos para acobertar as próprias fraquezas, sobrecarregando os ombros do próximo com fardos que somos incapazes de suportar.

Lembremo-nos, porém, de Jesus, no sublime governo da própria alma, passando entre os homens com a suprema revelação da Divina Luz, e entesouraremos suficiente humildade para entregar a Deus todos os patrimônios que nos enriquecem a vida, aprendendo a disciplinar-nos para refletir-lhe a grandeza na condição abençoada de filhos do Seu Amor.

BANQUETE INTERIOR

O conhecimento evangélico em nosso mundo íntimo é sempre milagrosa festa de luz.

É o banquete com o Pão que desceu do Céu, a inundar-nos de paz, esperança, fortaleza e alegria...

Nossos velhos amigos – os ideais de felicidade que abraçamos – encontram novo apoio e se materializam em trabalho promissor de fé, vaticinando-nos abençoado futuro.

Alimentam-se, triunfantes, à nossa mesa farta de júbilo, e como que se exteriorizam, constantemente, através de pregações valiosas e apontamentos sublimes, no entusiasmo com que nos devotamos à salvação alheia.

Mas, temos também, na intimidade de nosso coração, antigos adversários do nosso equilíbrio e da nossa paz que, raramente, convocamos ao nosso deslumbramento.

É o orgulho – louco inimigo do nosso progresso...

É a vaidade – infeliz companheira de nossos desequilíbrios...

É a preguiça mental – infortunada mendiga, que estima residir conosco, paralisando os impulsos de servir...

É o egoísmo – lamentável amigo destruidor, que teima em cristalizar-nos sombras da ignorância...

É o ódio – milenário perseguidor a inclinar-nos para o despenhadeiro da vingança...

É a ingratidão – triste comparsa de delitos escuros, a seguir-nos de remoto passado, induzindo-nos à dureza de coração.

É o desânimo – mísero pedinte, asilado em nossa alma, encarcerado nas trevas do medo de trabalhar e de algo fazer, na sementeira da caridade e da luz...

Convidemos todos esses velhos companheiros de jornada evolutiva para o banquete do Evangelho em nosso templo íntimo.

E, de certo, se converterão em cooperadores prestimosos de nosso reajuste, transformando-nos em vivo santuário de bênçãos, para a execução plena e vitoriosa da Vontade de Deus.

CADA AVE EM SEU NINHO

O mal reside na furna da ignorância.

*

O ódio respira nas trincheiras da discórdia.

*

A inveja mora no deserto da insatisfação.

*

A tristeza improdutiva desabrocha no abismo do desânimo.

*

A perturbação cresce no precipício do dever não cumprido.

*

O desequilíbrio desenvolve-se no despenhadeiro da intemperança.

*

A crueldade nasce no pedregulho da dureza espiritual.

*

A maledicência brota no espinheiral da irreflexão.

*

A alegria reside no coração que ama e serve.

*

A tranqüilidade não se aparta da boa consciência.

*

A fé reconforta-se no templo da confiança.

*

A solidariedade viceja no santuário da simpatia.

*

A saúde vive na submissão à Lei Divina.

*

O aprimoramento não se separa do serviço constante.

*

O dom de auxiliar mora na casa simples e acolhedora da humildade.

*

Cada ave em seu ninho, cada cousa em seu lugar.

*

Há muitas moradas para nossa alma sobre a própria Terra.

*

Cada criatura vive onde lhe apraz e com quem lhe agrada.

Procuremos a estrada do verdadeiro bem que nos conduzirá à felicidade perfeita, de vez que, segundo o ensinamento do Evangelho, cada espírito tem o seu tesouro de luz ou o seu fardo de sombra, onde houver colocado o próprio coração.

CARIDADE DA PALAVRA

Lembra-te da caridade da palavra, a fim de que possas praticar o amor que o Mestre exemplificou.

As guerrilhas da língua, há séculos, exterminam mais vidas na Terra, que todos os conflitos internacionais.

Há sempre uma lavoura extensa de trabalho regenerativo e santificante no mundo, à espera do verbo que se inflama, não só de verdade e franqueza, mas, também de compreensão e carinho...

É pelos sinais escuros da língua que levantamos os monstros da calúnia e as feras da discórdia nas furnas de trevas a que se acolhem...

É por ela que multiplicamos os lagartos da inveja e os vermes da maledicência...

Através dela, espalhamos os tóxicos letais da indisciplina e da desordem e é ainda, por intermédio da espada verbalística, que provocamos as grandes hecatombes do sentimento invariavelmente expressas nos crimes passionais que envenenam o noticiário comum.

Aprendamos a praticar a sublime caridade oculta que somente a língua pode realizar.

A pergunta inoportuna contida a tempo, a observação ingrata que emudece a propósito, a frase amiga com que podemos soerguer os irmãos transviados, a desistência da queixa, a renúncia às discussões estéreis e o abandono de apontamentos irrefletidos, são expressões dessa bondade que a boca pode estender sem que os outros percebam.

Sobretudo, não olvides os tesouros encerrados no silêncio e procura com devoção incorporá-los ao teu modo de ser, a fim de que o teu verbo não se faça sentir fora de tempo.

Quando nosso coração acorda para os ideais superiores do Evangelho, a nossa inteligência adquire preciosos serviços de auto-fiscalização.

Conduzamos nossa língua a esse trabalho renovador da personalidade e passaremos a viver em novo campo de simpatia, irradiando o bem e recebendo-o, enriquecendo aos outros e engrandecendo a nós mesmos, na abençoada ascensão para a Luz.

CARIDADE E MERECIMENTO

Em verdade, a maior expressão de amor que nos envolve na Vida é aquela da proteção de Nosso Pai Celestial, que tudo dispõe para a nossa felicidade.

O sol que nos visita farto de luz, a chuva que nos prepara a colheita de pão, a terra que nos asila e esclarece, a fonte que nos dessedenta, a árvore que nos auxilia e a semente que nos prove o celeiro, com todos os recursos da natureza, expressam o devotamento da Providência Divina, em nosso favor.

Dir-se-ia que Deus estabelece com os homens, seus filhos conscientes, um contrato, em bases de carinho paternal, com que lhes cede todas as possibilidades de enriquecimento com uma simples condição – a do trabalho com boa vontade e perseverança.

É por isso que, em renascendo na Terra, o espírito recebe com o instrumento do corpo físico a caridade maior do Senhor, porquanto vê-se novamente investindo de bênçãos para adquirir o tesouro do seu próprio engrandecimento.

Eis porque, caridade, na vida de relação, não se aparta da lei do merecimento.

Daí e dar-se-vos-á ensinou o Divino Mestre.

Ninguém receberá suprimento de graças, sem constituir-se distribuidor diligente delas.

Sem alicerces, a casa não se levanta.

Sem esforço, a lavoura não produz.

Assim também, no campo da habilitação espiritual do homem para a vida eterna, somente se eleva quem se devota à ascensão e somente alcança a luz divina quem lhe prepara adequado combustível na candeia da própria alma.

Sejamos caridosos para que a caridade nos auxilie.

Saibamos dar para receber com abundância.

A fonte da vida fornece as dádivas, que lhe fluem da corrente sublime, segundo a medida que levamos aos seus preciosos mananciais.

Aproximemo-nos do bem com o largo cántaro da boa vontade e do serviço, e a vida nos enriquecerá de sua paz invariável e de sua paz invariável e de imorredoura alegria.

CEGOS

A sombra nos olhos físicos pode ser angustiosa provação, mas, a cegueira real é aquela que envolve o coração e a mente, na noite da rebeldia ou da ignorância.

É por isso que encontramos, no mundo, cegos de todos os matizes...

Cegos cristalizados na usura, que nada enxergam, além do pobre tesouro amoedado, em que mergulham as mãos ávidas.

Cegos detidos no egoísmo destruidor, que nada vêm senão os caprichos em que se movimentam.

Cegos encarcerados no orgulho, supondo-se as únicas criaturas louváveis do Universo.

Cegos algemados à viciação, em que apagam a luz da própria consciência.

Cegos agrilhoados à preguiça, que somente enxergam as suas conveniências individuais, invariavelmente dispostos a vampirizar os semelhantes, à custa de queixas e lamentações.

Cegos atados à tristeza nociva, que menosprezam a graça do sol e as riquezas da vida, sustentando-se na imobilidade espiritual da revolta ou do desespero, olvidando que a vida é trabalho e renovação.

Cegos confiados ao abismo da descrença, que nada observam senão os espinhos de sarcasmo e negação, que lhes vicejam no íntimo...

Para todos esses cegos que cruzam diariamente nosso passos elevemos ao Alto as nossas preces de auxílio, rogando ao Senhor nos mantenha acordados para as próprias responsabilidades, com a suficiente visão para o desempenho dos nossos deveres, ainda que esse despertamento nos visite, a cada hora, pela bênção edificante da dificuldade ou da dor.

COMUNGUEMOS COM O CRISTO

Divina é a seara de luz que a mediunidade sustenta no campo das mais belas convicções.

Esse vê as entidades espirituais e transmite aos companheiros notícias de um mundo diferente, induzindo-os à esperança...

Aquele escuta vozes de esfera e consegue ascender novas claridades no caminho dos irmãos que se perderam na sombra da indiferença...

Aquele outro ainda, ao toque de forças extraterrestres escreve mensagem consoladoras, a benefício dos semelhantes...

Todavia, necessitando demonstrações de sobrevivência da alma, além da morte, para reerguer a confiança entre os homens, é imperioso lembrar que não podemos prescindir do Cristo em nós para restaurar, na Terra, a bênção da vida.

E, se apenas as organizações psíquicas mais aptas podem servir no intercâmbio espiritual para a reconquista da fé renovadora, todos podemos ser instrumentos do Evangelho na exaltação do entendimento e da bondade entre as criaturas.

Recorda que Jesus espera por teu coração para socorrer aos corações atormentados e lembra-te de que o Mestre precisa de teus olhos para que as chagas humanas sejam registradas com tolerância e de tua língua para falar com misericórdia, em favor dos que te cercam...

Oferece tuas mãos ao Senhor e elas tecerão hinos de alegria e trabalho, gerando prodígios de ventura e harmonia, onde estiveres...

Os espíritos desencarnados realmente reclamam cooperadores que lhes traduzam a palavra e lhes anotem a experiência, entretanto, não olvidemos que o Mestre Divino aguarda o nosso concurso de intérpretes leais de suas lições sublimes, a fim de que, em nos humanizando ao influxo de seu Infinito Amor, possamos comungar com Ele na construção da Vida Sublimada e da Terra Melhor.

CONFESSAR O CRISTO

Desde a ascensão de Constantino ao poderio romano, milhões de criaturas hão confessado Jesus com os lábios.

Pregaram as Boas Novas da Salvação e arrojaram a Humanidade em vagas de sangue e morte.

Dominaram púlpitos brilhantes e estenderam aflição e discórdia.

Senhorearam a governança política e semearam penúria e destruição.

Escreveram livros primorosos e estabeleceram nas almas o império da crueldade e da sombra.

Teceram poemas de esperança e inflamaram fogueiras de intolerância e fanatismo.

Exaltaram a Luz Divina e alimentaram as trevas da ignorância.

Discursaram, enaltecendo o amor e plantaram espinheiros de guerra e ódio.

Misturaram o mel da palavra com o veneno da negação e criaram apenas calamidade e sofrimento, flagelações e ruínas...

É que não basta confessar o Senhor com o verbo fascinante e seguro, mantendo o coração longe d'Ele.

Não valem simples afirmações preciosas que a ventania renovadora do tempo extingue, implacável...

Confessar o Cristo é cristianizar nossa vida e viver-lhe os padrões de sacrifício e de amor.

Na luta externa e no campo íntimo, perguntemos a nós mesmos, como agiria o Senhor trazido ao nosso lugar e procedamos como procederia Jesus, na solução dos problemas que nos afrontam a vida.

Somente assim, com a força do próprio exemplo, conseguiremos revelar o Divino Mestre à outras almas e com Ele servir aos homens na construção da Terra melhor.

DIANTE DA LEI

Perante os tribunais divinos a conspurcação da mulher que malbarata os dons sublimes da vida, não é a única forma de prevaricação que reclama a bênção do reajuste.

À frente dos juizes celestes, comparecem igualmente:

Os sacerdotes que se venderam ao simonismo.

Os magistrados que perderam a boa consciência nos mercados do suborno.

Os cientistas que negociaram a riqueza inapreciável da inteligência, trocando preciosidades da vida por escuros troféus da morte.

Os generais que perverteram a ordem, permutando-a por facilidades econômicas.

Os políticos que traficam no altar da confiança do povo.

Os administradores que dilapidam os tesouros públicos na exaltação dos seus interesses particulares.

Os artistas que rebaixaram as próprias emoções, vendendo as imagens da beleza ao prazer dos sentidos, animalizando a existência, ao invés de sublimá-la.

Os trabalhadores que corromperam a paz da própria alma, enganando o tempo e a si mesmos...

Comadeçamo-nos da mulher – nossa mãe e nossa irmã, nossa filha ou nossa companheira – que qual fonte cristalina sofreu a visitação dos monstros da natureza a lhes poluírem as águas vivas!

Há misericórdia no Céu para os vencidos que o Senhor, mais tarde, arrebatará das garras do mal que, transitoriamente, os senhoreia!

Mas, examinemos a nós próprios! Inventariemos as nossas ações de cada dia e vejamos se o nosso coração não adulterou os mandamentos de amor que nos regem!

Estaremos usando a nossa fé para o bem?

De que modo utilizamos o conhecimento superior?

Que bênçãos extraímos do sofrimento e da luta?

Como agimos no círculo das próprias responsabilidades?

De que maneira gastamos os empréstimos e as possibilidades do Senhor? Que fazemos do tempo que Deus nos concedeu?

Depois do balanço diário de nossos pensamentos, palavras e atos, pratiquemos a bondade com todos, entre a fé e o serviço incessantes e não nos faremos réus passíveis de severo julgamento à frente da Lei.

DIANTE DO DEVER

Larga soma de tempo gastamos habitualmente na Terra, na inglória tarefa de fiscalizar a execução do dever que compete ao arbítrio e à possibilidade dos outros.

Observados exigentes dos poderes públicos, sabemos reprová-los com veemência, salientando-lhes as omissões e defeitos...

Promotores de acusação desleal e gratuita, não vacilamos em agravar as faltas alheias, imprimindo-lhes criminosa feição para que se convertam em notícias escandalosas...

Críticos sistemáticos, estamos prontos a pré-julgar, comentando sem compaixão os infortúnios do próximo, dilatando-lhes a extensão, por expor-lhe as mazelas à desconsideração e ao ridículo...

Inquisidores risonhos nunca faltamos ao veneno sutil da maledicência na taça da conversão doentia, enevoando o caminho daqueles que nos rodeiam...

E sempre que instados a destacar os “tempos novos” ou fixar diretrizes religiosas, proclamamos a crise moral do povo e o apodrecimento da Humanidade...

Todavia, se realmente nos propomos a cooperar no trabalho reconstrutivo, confiemos o coração e a inteligência ao desempenho do dever em que a Bondade de Deus nos situa na ordem moral da existência, sabendo que quanto mais alto se nos levanta o conhecimento, mais ampla se nos revela a obrigação de servir, de vez somente ao preço de nossa fidelidade ao dever corretamente cumprido, é que chegaremos a fazer bastante luz para que a Terra se erga à condição de mundo melhor.